

Ensinar Humanidades Digitais sem as Humanidades Digitais: um olhar a partir das licenciaturas em História

Teaching Digital Humanities without Digital Humanities: a view from History degrees

Daniel Alves
Departamento de História
IHC, NOVA FCSH
dra@fcs.unl.pt

Resumo

As Humanidades Digitais têm sido alvo de intenso debate desde o suposto nascimento, em 2004. Tem-se reflectido sobre a abrangência do conceito, a sua pertinência na academia, o seu papel salvador de umas Humanidades aparentemente decadentes, o impacto do digital na investigação, a ampliação do trabalho colaborativo e interdisciplinar, entre outros aspectos. O debate continua vivo, como se percebe pelos títulos que surgem todos os anos sobre estas temáticas. Contudo, talvez um dos temas mais relevantes para alavancar todas as perspectivas mencionadas, seja precisamente dos menos debatidos: o papel que cabe ao ensino de competências digitais nas várias disciplinas das Humanidades no ensino universitário. Em Portugal esse debate é ainda incipiente. Através de uma panorâmica sobre as características do que tem sido esse tipo de ensino nas três últimas décadas em Portugal, com um foco na História, esperamos contribuir para uma melhor afirmação das Humanidades Digitais no meio académico. Defendemos que sem este ensino será mais difícil o desenvolvimento do campo e da comunidade que o sustenta.

Palavras-chave: humanidades digitais, ensino, história, Portugal.

Abstract

The Digital Humanities have been the subject of intense debate since the supposed birth, in 2004. Reflexions have arisen on the scope of the concept, its relevance in the academy, its saving role for the apparently decadent Humanities, the impact of digital in research, the expansion of collaborative and interdisciplinary work, among other aspects. The debate continues, alive, as can be seen from the titles that appear every year on these themes. However, perhaps one of the most relevant themes to leverage all the perspectives mentioned, is precisely the least debated: the role of teaching digital skills in the disciplines of the Humanities in the universities. In Portugal this debate is still starting. Through an overview of the features of what has

been this type of teaching in the last three decades in Portugal, with a focus on History, we hope to contribute to this debate that we believe is crucial for a definitive assertion of the Digital Humanities in the academy. We argue that without this teaching it will be more difficult to develop the field and the community that sustains it.

Keywords: digital humanities, teaching, history, Portugal.

Introdução

As Humanidades Digitais no mundo académico que fala português parecem começar a ganhar momentum, quase duas décadas depois da publicação original do já clássico *Companion to Digital Humanities* (SCHREIBMAN; SIEMENS; UNSWORTH, 2004). Veja-se a profusão de eventos, iniciativas, laboratórios, projectos e, em especial, publicações que se têm acumulado nos últimos anos, por exemplo. Só entre 2018 e 2020, numa pesquisa não exaustiva pelas bases de dados de revistas científicas brasileiras e portuguesas, foi possível encontrar oito volumes especificamente dedicados às Humanidades Digitais em português. (CASTRO, 2020; CORREIA; FERREIRA; ARAÚJO, 2019; DIAS *et al.*, 2018; LAITANO; SILVA, 2020; MACHADO; AGUILAR, 2020; RAYNOR; FERLA, 2020; RIO RIANDE; PIMENTA, 2019; SOUSA; CIVILIENE, 2019) O interesse actual pelo campo contrasta com o ambiente que se vivia há cerca de uma década, como destaquei em estudo anterior (ALVES, 2016) e como é possível verificar, igualmente de forma não exaustiva, mas indicativa, numa outra pesquisa realizada no Google Académico (Tabela 1).

Tabela 1 – Pesquisa por “Humanidades Digitais” no Google Académico¹.

Anos	Resultados
2009-2011	10
2012-2014	109
2015-2017	408
2018-2020	820

Como é possível observar, assistimos a um aumento significativo de publicações, sendo talvez relevante destacar que 2015 coincide com a realização do primeiro congresso sobre Humanidades Digitais em Portugal e 2018 com a realização de evento similar no Brasil, no Rio de Janeiro².

O facto de se estar agora a publicar um novo volume, desta feita dedicado à Educação e Humanidades Digitais, é um passo lógico, como procurarei discutir, e difere do que aconteceu no mundo anglo-saxónico apenas na cronologia. Nesse meio académico, em 2012, apontava-se ainda um escasso interesse pela pedagogia e pelo ensino das Humanidades Digitais até à época (HIRSCH, 2012a). Algo que parece ter vindo a mudar nos últimos anos (FLETCHER, 2019). A perspectiva que aqui vou desenvolver, com um foco na pesquisa e ensino da História nas universidades em Portugal, é a de que no caso das Humanidades Digitais a prática tem-se sobreposto à teoria, a investigação ao ensino e o trabalho em comunidade à institucionalização académica, embora as três primeiras (prática, investigação e comunidade) tenham tendencialmente como corolário as três últimas (teoria, ensino e institucionalização).

A experiência como docente da licenciatura em História na Universidade Nova de Lisboa vai ser um enquadramento relevante para as reflexões que aqui pretendo explorar, mas tentarei ir mais além. Vou procurar primeiro traçar uma evolução do que tem sido a pouco linear relação entre métodos e metodologias

¹ Pesquisa realizada a 11 de Novembro de 2020, com recurso ao formulário de pesquisa simples e sem outra restrição que não fosse a definição dos limites temporais apresentados na tabela (<https://scholar.google.pt/>).

² Veja-se <https://congressohdpt.wordpress.com/> e <https://eventos.fgv.br/hdrj2018>. Acedidos a 16 de Janeiro de 2021.

digitais e o ensino universitário da História. Hoje em dia, talvez em algumas licenciaturas de Humanidades isto comece a parecer algo natural, mas não era assim até há bem pouco tempo, muito pelo contrário. Dentro de muitos departamentos a resistência ao ensino de metodologias digitais aos alunos era bastante significativa. De seguida procurarei identificar as principais características desse ensino de Humanidades Digitais aplicadas à História no momento actual, através de uma sondagem por vários currículos online. Este inquérito servirá para debater se a introdução de métodos digitais, ou do que hoje chamamos genericamente as humanidades digitais, no ensino dos futuros historiadores tem potencial para ter impacto na afirmação das Humanidades Digitais como área científica consolidada. Terminarei com uma breve reflexão sobre a importância da divulgação em língua portuguesa de formação em metodologias digitais em acesso aberto para o reforço do ensino das Humanidades Digitais, falando sobre o projecto *Programming Historian em português*.

Humanidades Digitais e História: alguns dados para um debate

A prática sobre o que hoje chamamos de Humanidades Digitais é, obviamente, anterior à formulação da designação oficial, que surgiu em 2004 no caso internacional e começou a divulgar-se a partir de 2010 no caso português (ALVES, 2014). Em Portugal, já no final da década de 70, princípios da década de 80, se fazia uso das metodologias digitais para a investigação histórica e arqueológica, entre outras áreas disciplinares, e se reflectia sobre o tema (CARVALHO, 1985; HESPANHA, 1983; RODRIGUES, 1979). Estávamos na presença daquilo que na altura se chamava genericamente de computação e história ou *History and Computing*, na formulação inglesa. A preocupação em ligar esta inovação introduzida na investigação também ao ensino era sentida, algo que era referido igualmente para o caso internacional (HOCKEY, 2004, p. 7). Mas o panorama português não se afasta muito do que aconteceu no estrangeiro, como veremos, talvez estejamos a passar por uma consolidação agora, é o que defendo neste

artigo. No mundo anglo-saxónico, o interesse por uma pedagogia das humanidades digitais, pelo ensino de métodos digitais nas humanidades, parece ter tido um primeiro impulso no final da década de 1980 e início da seguinte, para logo a seguir perder momentum, só sendo retomado no início da segunda década do presente século (HIRSCH, 2012a).

A cronologia para Portugal e para o caso da História, especificamente, apresenta algumas semelhanças, mas importa detalhar um pouco. Nos anos 80, António Hespanha, na altura na Universidade Nova de Lisboa, e Joaquim de Carvalho, ligado à Universidade de Coimbra, faziam uma reflexão precisamente sobre os cruzamentos entre o digital e a história, embora mais centrada na perspectiva da investigação. António Hespanha falava nas vantagens da computação, dizendo que poderia contribuir para o avanço do raciocínio historiográfico, na medida em que os historiadores seriam estimulados a incorporar no seu trabalho métodos interpretativos baseados na modelação e na extrapolação dos dados. No fundo, Hespanha considerava que a incorporação dos métodos vindos da computação podia beneficiar a própria epistemologia histórica (HESPANHA, 1983).

Joaquim de Carvalho, em 1985, falava uma vez mais nas vantagens deste diálogo. Na década de 80 estávamos ainda numa altura de euforia, digamos assim, de coisas novas a acontecer um pouco por todo lado e fala-se talvez muito mais nas vantagens do que nos problemas que pudessem ocorrer com a incorporação das metodologias digitais. O que não quer dizer que esse debate não se fizesse. Joaquim de Carvalho falava por exemplo que o pesquisador deveria lidar directamente com as ferramentas, não devia ficar dependente dos engenheiros informáticos ou dos técnicos da computação. Porque isso iria permitir que o historiador ficasse a dominar a metodologia, não o deixaria cego perante um algoritmo que ele não conhecia, que lhe dava resultados que não sabia como tinham sido obtidos. E isso era importante, mais uma vez, por que permitiria que fosse o próprio historiador a produzir ou a estar atento ao processo de produção das

ferramentas digitais, o que levaria ao desenvolvimento de modelos interpretativos mais robustos para a própria História (CARVALHO, 1985).

Os dois discursos apontavam assim as vantagens da aplicação da computação na pesquisa, mas sinalizavam também outro aspecto relevante para o argumento que aqui apresento. Os dois concordavam que era necessário ir além da pesquisa, ou seja, era necessário ensinar aquilo que se aplicava. Era preciso transmitir às novas gerações, aos novos alunos e jovens pesquisadores o conhecimento que já se ia acumulando no início da década de 80. Falavam na necessidade de juntar a formação e o ensino à pesquisa em formato digital. Talvez não por acaso, o primeiro encontro em Portugal sobre história e informática, que ocorreu em 1988, foi organizado pela Associação de Professores de História. No caso português isto tinha também outro significado, pois a Associação de Professores de História tinha uma representação muito mais significativa naquilo que no Brasil é conhecido como ensino médio, o ensino secundário em Portugal, e testemunhos de quem viveu essa época relatam que a transformação digital estava a ser acompanhada com muito mais interesse pelos professores desse nível de ensino, do que pelos docentes e pesquisadores do ensino universitário³. Ou seja, na universidade a aplicação do que hoje chamamos humanidades digitais, da computação à história, era quase ignorada ou pouco valorizada nesse momento. Esta ideia é reforçada pelo facto de, após duas organizações em universidades, o quarto encontro da referida associação, em 1991, ter tido lugar na Escola Superior de Educação de Setúbal, instituição dedicada à formação de professores para o ensino básico e secundário.

Por isso também, entendia-se que a aposta numa via de ensino seria importante para mudar esse estado de coisas. Quando é que surgiu essa aposta? Logo no início da década de 1980 há uma primeira tentativa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, de criar este tipo de

³ Memória transmitida ao autor por Luís Espinha da Silveira (1954 - 2021), um dos pioneiros das Humanidades Digitais em Portugal e um dos participantes nesses primeiros encontros nos anos 80. Entrevista telefónica registada em Novembro de 2020.

ensino na licenciatura de História. Foi criada uma cadeira chamada “Introdução à Informática Aplicada à História”, mas teve curta duração (RODRIGUES, 1989). Era uma cadeira opcional, cujo programa não deveria ser fácil para os alunos da altura, devido ao estado de desenvolvimento da computação que exigia conhecimentos e trabalho directo com linguagens de programação, sem computadores pessoais generalizados e sem as interfaces intuitivas que temos atualmente.

Durante a década de 90, o desenvolvimento quer das metodologias digitais, quer dos projectos em História com utilização de ferramentas digitais, permitiu que se renovassem os esforços para o ensino dos métodos digitais na área da História. No fundo, os desenvolvimentos tecnológicos da década, como a democratização do PC, o crescimento da Internet ou a utilização mais abrangente de ferramentas cada vez mais intuitivas, no campo das bases de dados, dos sistemas de informação geográfica ou da animação 3D, levaram a que fossem feitas novas tentativas de introduzir cadeiras onde a ligação entre o digital e a História fosse ensinada. Ao lado da Universidade Nova Lisboa, onde Luís Espinha da Silveira criou uma “Informática Aplicada à Investigação Histórica”, no ano lectivo de 1994/1995, estava agora a Universidade de Coimbra, com Joaquim de Carvalho a oferecer, no mesmo ano, as cadeiras “Introdução à Informática para as Ciências Sociais” e “Métodos Informáticos e Abordagens Formais em Investigação Histórica”⁴.

A cadeira da Universidade Nova durou apenas 3 anos, entre 1995 e 1998, já as de Coimbra mantiveram-se, pelo menos, até 2002/2003, alterando a designação a seguir. Na Nova só em 2002 foi possível vencer algum cepticismo instalado no seu Departamento de História quanto à validade da incorporação do digital no ensino da História e, nessa altura, foi criada a cadeira “Informática Aplicada à História”, ainda hoje leccionada. A principal diferença face à década anterior é que esta foi introduzida no currículo obrigatório da licenciatura pela primeira vez em Portugal. Apesar das resistências à época, é de notar que se procurava fazer um caminho pedagógico para as Humanidades Digitais com alguns anos de antecedência em

⁴ Dados retirados dos CVs dos investigadores e da entrevista a Luís Espinha da Silveira, já referida.

relação ao nascimento “oficial” do conceito. Actualmente permanece a única cadeira obrigatória do que poderíamos chamar humanidades digitais aplicadas à História em cursos de Licenciatura em Portugal, sendo mesmo pioneira em comparação com o que se passava no estrangeiro na primeira década do século XXI. Em 2007, num encontro na Universidade George Mason, em Washington, foi possível testemunhar que uma parte dos colegas presentes, oriundos de várias universidades dos Estados Unidos, afirmavam estar ainda na fase de tentar convencer os seus departamentos para a importância do ensino do digital nos cursos de História. (UPCOMING ECHO WORKSHOP AND ECHO GRANTS, 2007)

Obviamente, não foi só a História a fazer este caminho e outros exemplos podem ser destacados na área das Humanidades, por exemplo ao nível da Educação, do Património ou dos Estudos Literários. Neste último caso, veja-se, por exemplo, a criação em 2007 da cadeira “Literatura e Novos Média” no mestrado de Estudos Portugueses, da Universidade Nova de Lisboa, por Helena Barbas. Em 2010 mudou o nome para “Humanística Digital”. Pelo que foi possível constatar esta terá sido a primeira vez que o termo “Humanidades Digitais”, com uma pequena variante, passou a ser utilizado de forma oficial num currículo académico de uma universidade portuguesa. Pelo que foi observar através de uma pesquisa online de guias de currículo de várias universidades, a expressão esteve praticamente ausente até muito recentemente (pelo menos até 2016), com uma excepção. Na Universidade Fernando Pessoa, no Mestrado em Docência e Gestão da Educação, a cadeira “Ciência e Tecnologia”, existente desde 2009, viu ser acrescentada a expressão “Humanidades Digitais” em 2013 (ALVES, 2016). Muitas outras poderiam ser incluídas nesta perspectiva que tenho estado a destacar aqui, na Linguística, na História da Arte, na Arqueologia, nas Línguas e Literaturas, na Tradução, entre outras áreas, embora sem usarem uma referência explícita às Humanidades Digitais. É o caso do Mestrado “Euromachs - European Heritage, Digital Media and the Information Society”, criado em 2008, na Universidade de Coimbra, ou do seminário “Cultura Digital e Estudos Literários”, do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, igualmente de Coimbra, em funcionamento desde 2005.

Ensinar Humanidades Digitais sem Humanidades Digitais?

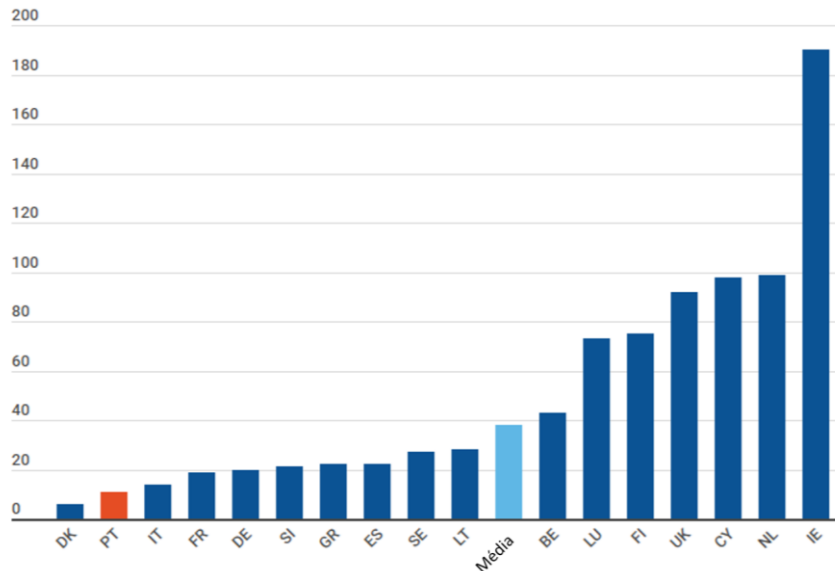
Uma observação atenta aos currículos actuais das licenciaturas em História nas principais universidades portuguesas permite perceber que a introdução do conceito mais amplo de “Humanidades Digitais” começa agora a fazer o seu caminho no ensino superior, mas ainda de forma tímida. Na Universidade do Minho, a licenciatura em História tem uma cadeira de “Recursos Instrumentais para a História”, onde os alunos são introduzidos à pesquisa na Internet, ao uso de software de gestão de referências bibliográficas e à utilização dos programas do Office da Microsoft (LICENCIATURA HISTÓRIA, 2020). A Universidade de Évora tem uma “Introdução às Humanidades Digitais” como optativa no segundo ano da licenciatura em História. O programa já é mais desenvolvido, procurando enquadrar os alunos no contexto teórico das Humanidades Digitais e explorando um conjunto diversificado de métodos que vão da análise de texto, ao uso de sistemas de informação geográfica (SIG), passando pela visualização 3D (LICENCIATURA HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA, 2020). No caso da Universidade de Lisboa, apesar de não existir uma cadeira com uma perspectiva de Humanidades Digitais, é feita uma introdução teórica ao conceito na disciplina de “Métodos em História” (HISTÓRIA, 2020). Mas Porto, ISCTE e Coimbra não têm disciplinas semelhantes actualmente, pelo que foi possível apurar no material disponível online (LICENCIATURA EM HISTÓRIA, 2020a; LICENCIATURA EM HISTÓRIA, 2020b; LICENCIATURA EM HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA, 2020). Coimbra, contudo, oferece uma cadeira de “Introdução às Humanidades Digitais” - com um perfil similar à de Évora, embora não tão especializada para a História - que pode ser frequentada por alunos de todas as licenciaturas. No caso da “Informática Aplicada à História”, da Universidade Nova de Lisboa, o programa centra-se em três eixos: a literacia digital e utilização dos recursos digitais da web, a gestão e visualização de dados e a utilização dos sistemas de informação geográfica na análise histórica. Foram ainda introduzidas algumas aulas sobre linguagens de

programação para a investigação histórica, com recurso ao *The Programming Historian* (de que falarei mais à frente) (INFORMÁTICA APLICADA À HISTÓRIA, [s. d.]).

Percebe-se pelo panorama exposto que o ensino de Humanidades Digitais na História em Portugal está ainda nas margens do ensino de metodologias, na maior parte dos casos corresponde a um ensino opcional, que os alunos podem não frequentar. Na maior parte dos casos, nota-se igualmente que é um ensino relativamente conservador nas suas abordagens, fornecendo aos alunos apenas uma introdução aos conceitos básicos das humanidades digitais ou da História Digital, competências igualmente básicas ao nível da literacia digital e pesquisa de informação, bem como de gestão de dados bibliográficos. No fundo, um ensino mais centrado em desenvolver competências de pesquisa e gestão de informação úteis para os alunos prosseguirem os estudos na licenciatura, mas valorizando pouco as ferramentas mais avançadas, que lhes permitam desenvolver capacidades de extração, organização, análise e visualização de dados históricos, determinantes para o reforço da pesquisa científica.

Com a excepção de Évora e da Nova de Lisboa, onde se faz a utilização de análise de texto, visualização 3D, SIG ou linguagens de programação, parece que estamos ainda longe das perspectivas defendidas nos anos 80 por António Hespanha e Joaquim de Carvalho, de juntar a pesquisa com métodos digitais ao ensino desses mesmos métodos aos futuros historiadores. E este factor, embora não sendo o único ou até o mais determinante, creio poder ser apontado como um dos que ajuda a explicar o diminuto impacto da pesquisa académica portuguesa em Humanidades Digitais em termos internacionais, como demonstram algumas dados preliminares recolhidos pelo Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Nova de Lisboa.

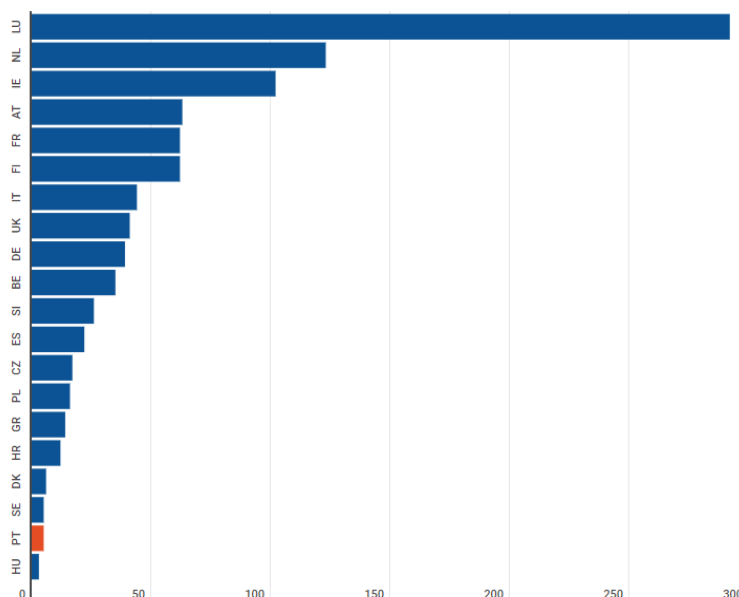
Figura 1 – Número de publicações em três das principais revistas de Humanidades Digitais, 2008-2018 (Portugal em vermelho)⁵



A análise das afiliações institucionais dos autores com publicações em três das principais revistas científicas em Humanidades Digitais (*Digital Scholarship in the Humanities*, *International Journal of Humanities and Arts Computing* and *Digital Humanities Quarterly*), nos últimos dez anos (figura 1), permite perceber que a contribuição de Portugal se encontra bastante abaixo da média. Percebe-se que existe um grande potencial de crescimento e desenvolvimento de uma área científica que tende a ter um impacto académico cada vez maior. Se é certo que o factor língua é sem dúvida determinante também para este panorama, e a ele voltarei na secção final do texto, a fraca aposta no ensino tem de ser considerada igualmente uma peça fundamental.

⁵ Fonte: *Digital Scholarship in the Humanities*, *International Journal of Humanities and Arts Computing* e *Digital Humanities Quarterly*, 2008-2018 (dados recolhidos e analisados por Danielle Sanches de Almeida no Laboratório de Humanidades Digitais na NOVA FCSH e disponíveis em <http://dhlab.fcsb.unl.pt/en/surveys/>)

**Figura 2 – Presença de pesquisadores na *Digital Humanities Conference*, 2019
 (Portugal em vermelho)⁶**



A figura 2 reforça este escasso aproveitamento do potencial das Humanidades Digitais, através da análise da presença portuguesa na *Digital Humanities Conference* de 2019. Dos 1.096 participantes, apenas cinco eram portugueses. Com exceção da Hungria, todos os outros países tiveram um número muito mais significativo de presenças neste que é o principal fórum internacional da área. Embora seja certo que a participação portuguesa tem vindo a crescer, isto acontece a um ritmo muito lento. Em 2016 participaram apenas dois pesquisadores, três em 2017 e quatro em 2018.

Outra forma de olhar para estes dados é questionar se fará sentido apostar no ensino das Humanidades Digitais, na formalização de cursos no ensino universitário, quando aparentemente as “Humanidades Digitais” como campo de pesquisa, como área disciplinar ou sequer como comunidade de práticas parece

⁶ Fonte: *Digital Humanities Conference*, 2019 (dados recolhidos e analisados por Danielle Sanches de Almeida no Laboratório de Humanidades Digitais na NOVA FCSH e disponíveis em <http://dhlab.fcsb.unl.pt/en/surveys/>)

estar ainda longe de se consolidar? Ou seja, fará sentido uma pedagogia de Humanidades Digitais sem as Humanidades Digitais?

Obviamente não tenho a ilusão de dar aqui uma resposta definitiva a esta questão, mas parece-me que apostar na expansão deste ensino poderá contribuir para expandir a comunidade de pesquisadores com competências para o digital e, como tal, reforçar o impacto científico da área. A ideia não é nova, já o vimos atrás, e já circula há alguns anos uma opinião ampla, em termos internacionais, que remete para a importância da criação de um ensino em humanidades digitais, seja ele mais formal, com cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, ou mais informal, com oficinas de treinamento, cursos livres ou formação online (COHEN; SCHEINFELDT, 2013; CORDELL, 2016; GOLD, 2012; HIRSCH, 2012b). Em Portugal, esse debate não tem sido feito, uma vez mais, no que diz respeito ao ensino universitário. Tal como nos anos 80, parece ser bem mais dinâmica a discussão sobre a incorporação das tecnologias digitais no ensino da História nas escolas do básico e secundário, como é visível, entre outros, por trabalhos recentemente publicados (DIAS-TRINDADE; CARVALHO, 2019; DIAS-TRINDADE; MILL, 2019).

O mesmo é difícil dizer para o ensino de métodos digitais aos alunos e pesquisadores de História na universidade. Não que o debate seja inexistente, mas não tem resultado em contributos de fôlego. Entre os poucos que se pode mencionar, veja-se a proposta de debate de Patrícia Hansen, pesquisadora brasileira com conhecimento da academia portuguesa, que em 2015 sugeriu um reforço da “formação de historiadores, em ambos os níveis de graduação e pós-graduação, no que diz respeito à (re)elaboração dos programas de disciplinas obrigatórias, na reformulação de currículos, e/ou na oferta de disciplinas opcionais” (HANSEN, 2015, p. 25).

Talvez o actual momento de crescimento do interesse sobre Humanidades Digitais, apontado logo no início deste texto, bem como a criação de algumas disciplinas e cursos exclusivamente dedicados à área, como é o caso de um mestrado na Universidade do Minho e uma pós-graduação na Universidade Católica,

sinalizem uma necessária mudança (HUMANIDADES DIGITAIS, [s. d.]; MESTRADO EM HUMANIDADES DIGITAIS, [s. d.]).

O *Programming Historian* em português: ferramenta para o ensino

É óbvio, contudo, que introduzir as Humanidades Digitais na formação dos futuros historiadores não será uma solução mágica ou linear. Será que os alunos estão disponíveis para este tipo de ensino? Será que quem procura ou tem procurado leccionar métodos digitais nas licenciaturas de História tem competência para introduzir todos ou uma maioria dos tópicos tradicionalmente ligados às Humanidades Digitais? Serão sequer úteis esses mesmos tópicos, por vezes muito genéricos, para a formação de futuros pesquisadores, mais concentrados em encontrar ferramentas específicas para problemas concretos do trabalho de análise e interpretação histórica? Um outro aspecto que cruza todas as perguntas aqui expostas é o do acesso ou dificuldade de acesso à literatura, ou outra informação de base, para uma formação mais eficaz em Humanidades Digitais, quando temos a noção que, desde os manuais de *software*, aos livros de introdução à temática, passando pelos principais recursos online, o que predomina é a produção em língua inglesa. É neste contexto que o projecto *The Programming Historian* pode ser uma boa opção como ferramenta de ensino nas Humanidades Digitais (THE PROGRAMMING HISTORIAN, [s. d.]).

O *The Programming Historian* é um portal de referência em acesso aberto com conteúdo de programação e ciência de dados elaborados por especialistas. Contém perto de 130 lições pensadas para a aplicação de métodos digitais às Humanidades em contexto pedagógico e publicadas em inglês (desde 2008), espanhol (desde 2016) e francês (desde 2019). (SICHANI *et al.*, 2019) Em 2021 foi lançada a versão em português (ORTIZ BACO *et al.*, 2020; THE PROGRAMMING HISTORIAN EM PORTUGUÊS, 2021).

A importância da exploração de linguagens de programação na História e mais genericamente nas Humanidades é defendida por vários autores, incluindo,

significativamente, quem escreveu para a re-edição de 2016 do clássico *Companion to Digital Humanities*. Curiosamente, os argumentos expostos refletem, em parte, os que eram usados na década de 80, como vimos acima: um desenvolvimento da capacidade de pensar de forma diferenciada e um melhor conhecimento sobre os actuais sistemas culturais e meios de comunicação, como peças essenciais na formação dos futuros pesquisadores (MONTFORT, 2016, p. 99).

O facto das lições do *The Programming Historian* terem sido pensadas para iniciantes, terem na maior parte dos casos fontes históricas ou uma perspectiva de análise histórica a enquadrar o uso das tecnologias, permite a sua fácil integração no contexto do ensino. Ao mesmo tempo são fundamentais para facilitar uma necessária transformação na relação aluno/máquina ou pesquisador/máquina já sinalizada por Joaquim de Carvalho, como se observou. E essa transformação é aquela que poderá permitir que o historiador deixe de estar tão dependente dos profissionais da computação ou pelo menos que com eles consiga dialogar melhor na concepção, modelação, criação e utilização das ferramentas digitais. Ao envolver-se no processo, ao conhecer as linguagens, ao perceber o que faz e como funciona o algoritmo, o aluno e o pesquisador passam da utilização passiva de ferramentas cujos processos não dominam, para uma visão crítica e fundamentada das metodologias de que efectivamente necessitam para os seus trabalhos.

Uma das vantagens da utilização destas lições será ficar a conhecer as aplicações concretas de cada linguagem, de cada ferramenta, sem a necessidade de uma formação extensiva, por vezes morosa e até assustadora para muitos alunos, na área da computação. Sendo apresentadas de uma forma intuitiva, ligadas à resolução de questões concretas relacionadas com a pesquisa em História ou Humanidades e como lições para iniciantes, assumindo nenhum conhecimento prévio na área da computação, podem ainda ter a vantagem de afastar aquilo que Ryan Cordell classifica como “ceticismo tecnológico dos nossos alunos”, muitas vezes expresso através da frase “não sou muito bom em coisas de informática”. (CORDELL, 2016)

Uma vantagem adicional é que com a versão em português de uma ferramenta deste género, ultrapassamos talvez uma das barreiras mais singificativas que se coloca à necessária transformação falada acima: a barreira da língua. Sabemos que no mundo da computação muitos dos termos técnicos, muitas das linguagens usadas e uma boa maioria dos programas produzidos têm a língua inglesa como base. O facto de podermos contar com uma descrição dos objectivos e processos de cada ferramenta ou método numa língua que nos é natural é, creio, uma vantagem muito significativa. Uma vantagem para quem vai aprender, mas também para quem vai ensinar, podendo todos concentrar-se numa utilização sistemática e crítica das lições sem a preocupação de as traduzir ou de poderem ser mal-interpretadas. Com isto, talvez se incentive um maior número de alunos e pesquisadores a olharem para a tecnologia além da sua função de sociabilidade, que tende a dominar o actual quotidiano dos ditos “nascidos digitais”. No fundo, o objectivo é que se ultrapasse essa perspectiva passiva de utilização das tecnologias, que em parte está presente ainda em alguns dos currículos das cadeiras acima descritas, e que se perceba e actue numa visão crítica sobre os objectos, os métodos e os recursos digitais nos dias de hoje e no futuro da profissão do historiador.

Considerações Finais

É possível ou sequer desejável dissociar o ensino da pesquisa em meio universitário? A questão é essencialmente genérica e retórica, mas julgo que as Humanidades Digitais servem como bom estudo de caso para uma clara resposta negativa. Este artigo defende que no caso dos métodos digitais nas licenciaturas em História em Portugal, é também a escassa afirmação desse ensino que ajuda a explicar a lenta consolidação da área das Humanidades Digitais na academia portuguesa e, por consequência, a sua pouca visibilidade em termos internacionais.

Desde a década de 1980 que a necessidade de um ensino que incorporasse as tecnologias digitais nos saberes dos historiadores vem a ser advogado. Apresentado como um factor essencial para que o aluno e o profissional da História possam desenvolver de forma crítica e autonómica a utilização de ferramentas digitais, foram vários os esforços para a criação de cadeiras onde fossem introduzidos e trabalhados os conceitos e métodos do que hoje chamamos as Humanidades Digitais. Contudo, apenas em raríssimos casos podemos afirmar que esse esforço tenha logrado estreitar o fosso entre a História e a Computação (entre as Humanidades e o Digital, diríamos, apesar do foco na disciplina da História aqui adoptado).

Porque os alunos resistiram (e se calhar ainda resistem) a programas curriculares onde lhes falam de “informática”. Porque só em casos isolados tem sido possível integrar esse ensino no tronco central e obrigatório dos currículos académicos. Porque, quando essa integração é possível, ainda se mantém uma perspectiva tímida sobre os métodos e ferramentas a lecionar. Porque não estão disponíveis em língua portuguesa muitos dos recursos, manuais e materiais que permitiriam avançar mais rapidamente e profundamente no fecho desse fosso.

Sendo talvez mais uma reflexão de diagnóstico do que uma proposta de solução, fica porém a sugestão de alguns caminhos. Uma necessária e definitiva afirmação da validade e utilidade das Humanidades Digitais na formação básica dos futuros historiadores. Uma escolha criteriosa, mas também mais arrojada, sobre os métodos e ferramentas a ir buscar à computação para servirem não apenas à literacia digital e gestão de informação dos alunos, mas também ao desenvolvimento das suas competências de pesquisa, extração, organização, análise e interpretação de dados históricos em formato digital, que serão certamente o grosso das suas fontes num futuro que está já à porta. Por fim, o incentivo a um diálogo mais fluído, mais simplificado entre a História e o Digital, entre as Humanidades e o Digital, em língua portuguesa, com recursos e materiais em português.

Agradecimentos

Tenho de agradecer à Danielle Sanches de Almeida pelo trabalho realizado na recolha e tratamento estatístico de alguns dos dados aqui usados. Agradeço também o apoio financeiro genérico concedido pela FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020, à unidade de investigação a que pertenço, o Instituto de História Contemporânea. Dedico este artigo a Luís Espinha da Silveira, meu mestre e pioneiro das Humanidades Digitais em Portugal, falecido ainda no decorrer da produção deste texto e que para ele tanto contribuiu através das suas memórias e dos ensinamentos que nos legou.

Referências Bibliográficas

- ALVES, D. From «Humanities and Computing» to «Digital Humanities»: Digital Humanities in Portugal with a focus on Historical Research. **H-Soz-Kult**, 2014. Disponível em: <http://www.hsozkult.de/debate/id/diskussionen-2455>. Acedido em: 24 Out. 2014.
- ALVES, D. Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015). **Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past**, vol. 1, n. 2, p. 89–116, 2016.
- CARVALHO, J. Informática e Ciências Humanas. **Revista Vértice**, vol. XLV, n. 467, p. 25–36, 1985.
- CASTRO, C. (Ed.). Humanidades Digitais. **Revista Estudos Históricos**, vol. 33, n. 69, 2020.
- COHEN, D. J.; SCHEINFELDT, T. (Eds.). **Hacking the academy: new approaches to scholarship and teaching from digital humanities**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2013(Digital humanities).
- CORDELL, R. How Not to Teach Digital Humanities. *In*: GOLD, M. K.; KLEIN, L. F. (eds.). **Debates in the Digital Humanities**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em:

<https://dhdebates.gc.cuny.edu/read/untitled/section/31326090-9c70-4c0a-b2b7-74361582977e#ch36>. Acedido em: 1 Jan. 2017.

CORREIA, A.; FERREIRA, A.; ARAÚJO, S. (Eds.). **Revista Humanidades Digitais**, vol. 1, n. 1, 2019.

DIAS, I.; ARAÚJO, S.; SANROMÁN, Á. I.; WILLIAMS, G. (Eds.). *Corpora nas humanidades digitais*. **Diacrítica**, vol. 32, n. 3, 2018.

DIAS-TRINDADE, S.; CARVALHO, J. R. de. **História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

DIAS-TRINDADE, S.; MILL, D. (Eds.). **Educação e humanidades digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FLETCHER, C. Educational Technology and the Humanities: A History of Control. *In*: GOLD, M. K.; KLEIN, L. F. (eds.). **Debates in the Digital Humanities**. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://dhdebates.gc.cuny.edu/read/untitled-f2acf72c-a469-49d8-be35-67f9ac1e3a60/section/ed3d53dd-d7aa-4369-a41f-1098a121e41b#ch30>. Acedido em: 18 Jan. 2021.

GOLD, M. K. (Ed.). **Debates in the digital humanities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

HANSEN, P. S. Digital History e formação de historiadores: sugestões para um debate. *In*: BUENO, A.; CREMA, E.; ESTACHESKI, D. (eds.). **Tecendo amanhã: o ensino de História na atualidade**. Rio de Janeiro: SobreOntens, 2015. p. 25–38.

HESPANHA, A. M. A Micro–Informática no Trabalho do Historiador. **História e Crítica**, vol. XI, p. 17–28, 1983.

HIRSCH, B. D. Digital Humanities and the Place of Pedagogy. *In*: HIRSCH, B. D. (ed.). **Digital Humanities Pedagogy. Practices, Principles and Politics**. 1.^a ed. [S. l.]: Open Book Publishers, 2012a. vol. 3, p. 3–30. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjtt3.5>. Acedido em: 13 Jun. 2020.

HIRSCH, B. D. (Ed.). **Digital Humanities Pedagogy: Practices, Principles and Politics**. [S. l.]: Open Book Publishers, 2012b.

- HISTÓRIA. 2020. [Universidade de Lisboa]. Disponível em: <https://www.ulisboa.pt/curso/licenciatura/historia>. Acedido em: 13 Nov. 2020.
- HOCKEY, S. The History of Humanities Computing. *In*: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (eds.). **Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 3–19.
- HUMANIDADES DIGITAIS. [s. d.]. Disponível em: <https://ffcs.braga.ucp.pt/pos-graduacoes/humanidades-digitais>. Acedido em: 18 Jan. 2021.
- INFORMÁTICA APLICADA À HISTÓRIA. [s. d.]. Disponível em: <https://deps.fcsh.unl.pt/historia/iah/iah.html>. Acedido em: 16 Jan. 2021.
- LAITANO, B. G.; SILVA, J. C. da (Eds.). Digital Humanities e o fazer histórico na contemporaneidade. **Revista Aedos**, vol. 12, n. 26, 2020.
- LICENCIATURA EM HISTÓRIA. 2020a. **Universidade do Porto**. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=4621&pv_tipo_cur_sigla=&pv_origem=CUR&pv_ano_lectivo=2020. Acedido em: 13 Nov. 2020.
- LICENCIATURA EM HISTÓRIA. 2020b. **Universidade de Coimbra**. Disponível em: https://apps.uc.pt/courses/PT/programme/5381/2020-2021?id_branch=15781. Acedido em: 13 Nov. 2020.
- LICENCIATURA EM HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA. 2020. **ISCTE**. Disponível em: <https://www.iscte-iul.pt/curso/49/licenciatura-historia-moderna-contemporanea>. Acedido em: 13 Nov. 2020.
- LICENCIATURA HISTÓRIA. 2020. **Universidade do Minho**. Disponível em: https://www.uminho.pt/pt/ensino/oferta-educativa/_layouts/15/uminho.portalum.ui/pages/catalogocursodetail.aspx?itemid=2871&catid=8#planoestudos. Acedido em: 13 Nov. 2020.
- LICENCIATURA HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA. 2020. **Universidade de Évora**. Disponível em: <https://www.uevora.pt/estudar/cursos/licenciaturas?curso=2477>. Acedido em: 13 Nov. 2020.

MACHADO, A. M.; AGUILAR, A. A. e (Eds.). Ensino da Literatura Digital. **Matlit Revista do Programa de Doutorado em Materialidades da Literatura**, vol. 8, n. 1, 2020.

MESTRADO EM HUMANIDADES DIGITAIS. [s. d.]. Disponível em: <https://www.ilch.uminho.pt/pt/Ensino/Paginas/Mestrado-em-Humanidades-Digitais.aspx>. Acedido em: 18 Jan. 2021.

MONTFORT, N. Exploratory Programming in Digital Humanities Pedagogy and Research. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (eds.). **A New Companion to Digital Humanities**. London: John Wiley & Sons, 2016. p. 98–109.

ORTIZ BACO, J.; ALVES, D.; MEDEIROS, J.; FERLA, L. Programming Historian em português. In: I JORNADA NACIONAL DE HUMANIDADES DIGITAIS, 2020. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bt-OaMW2Fr4>.

RAYNOR, C.; FERLA, L. (Eds.). Portuguese Language Special Issue. **Digital Humanities Quarterly**, vol. 14, n. 2, 2020.

RIO RIANDE, G. del; PIMENTA, R. M. (Eds.). Humanidades digitais: olhares do sul. **Linc em Revista**, vol. 15, n. 1, 2019.

RODRIGUES, M. da C. M. **A informática ao serviço da História da Arte e Arqueologia**. [S. l.]: Assembleia Distrital de Portalegre, 1979.

RODRIGUES, M. da C. M. **Informática e ciências humanas**. Lisboa: Palas, 1989.

SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Eds.). **Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell, 2004.

SICHANI, A.-M.; BAKER, J.; AFANADOR LLACH, M. J.; WALSH, B. Diversity and Inclusion in Digital Scholarship and Pedagogy: The Case of The Programming Historian. **Insights**, 2019. Disponível em: <https://insights.uksg.org/articles/10.1629/uksg.465/>.

SOUSA, V.; CIVILIENE, G. S. (Eds.). Humanidades Digitais. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, vol. 12, n. 1, 2019.

THE PROGRAMMING HISTORIAN. [s. d.]. Disponível em: <https://programminghistorian.org/>. Acedido em: 27 Out. 2020.

THE PROGRAMMING HISTORIAN EM PORTUGUÊS. 2021. Disponível em: <https://programminghistorian.org/pt/>. Acedido em: 18 Jan. 2021.

UPCOMING ECHO WORKSHOP AND ECHO GRANTS. 2007. **Roy Rosenzweig Center for History and New Media**. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/news/upcoming-echo-workshop-and-echo-grants/>. Acedido em: 13 Nov. 2020.

Sobre o Autor



Daniel Alves

Professor Auxiliar no Departamento de História e investigador no Instituto de História Contemporânea, ambos da NOVA-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa. Tem mestrado em História do Século XIX e doutoramento em História Económica e Social Contemporânea. É Editor da revista *IJHAC: A Journal of Digital Humanities*, da Edinburgh University Press, desde 2020. Colabora com frequência em projectos de Humanidades Digitais, tendo várias publicações sobre a temática. É coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais do IHC (<http://dhlab.fcsch.unl.pt/>) desde 2019 e Editor-chefe da versão em português do site *The Programming Historian*.